

Pelourinho

Os músculos, retesados pelo movimento, parecem esculpidos sob a pele negra, brilhante de suor, pontuada de reflexos das luzes suspensas na noite... A imagem é primitiva e, talvez por isso mesmo, tão sensual como a própria pulsão. E era isso que se via por toda parte, quilômetros e quilômetros de tecido vivo, ondulando ao som de atabaques, violões “plugados”, vozes roucas e mornas. E muitas outras cores, outros sons, cheiros, toques, suores. Como se, ao ritmo daquela música, aqueles seres negros-células se interligassem em seus fluidos, seus humores e compusessem, juntos, um só corpo, um só organismo. Nenhum especial, nenhum importante. Mas todos, um movimento só, uma direção única, expressão coletiva de uma vida subterrânea, e incorpórea. Moto-contínuo hipnótico, entorpecente.

Isso, aos meus olhos de nativo.

Ao meu lado, junto a mim, mas não inteiramente comigo, o desconforto se fazia palpável. E se consubstanciava num corpo delgado e rígido, quase albino de tão claro, absurdamente estático em meio àquele mover constante e universal. Europeu, é claro. Da elite. Vindo de um lugar onde as cidades são pequenas por definição e falta de espaço, e onde as pessoas dispõem de normas civilizadoras que disciplinam até os menores detalhes. Algumas dessas normas dizem que olhos estranhos não se fitam. Que corpos estranhos não se tocam. E que as multidões são foros adequados para as massas indistintas e vulgares. Não para a aristocracia encarregada de reger destinos a uma distância conveniente de seus tutelados. Evidentemente, apenas meus botões aplaudiram esse discurso.

“Você se sente bem?”

“Sim...não...Não me sinto muito...bem. Essas pessoas todas aqui, juntas...”

“É seguro, pode acreditar. Estamos acostumados a aglomerações. A multidão tem regras próprias. É só segui-las...”

“Elas não vão cair sobre nós?”

“Não” - e eu só poderia mesmo rir daquele medo tão descabido.

“Estou sufocando...”

“Saíamos, então.”

Andar em meio à multidão pode ser ainda pior que ficar parado dentro dela. Há que ter um jeito de corpo, seguir os códigos não escritos, mas consensuais. Há que gentilmente empurrar um, roçar no outro, se moldar a uma brecha, penetrar uma oportunidade. É preciso andar em zigue-zague, esquecer a reta, mas não o outro ponto. Relaxar.

Foi exatamente isso que não aconteceu. Ele ainda está preso naquele universo movediço.